



ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS

Francisco Cardoso Gomes de Matos (UFPE)

BREVE APRESENTAÇÃO / BRIEF PRESENTATION

O professor Francisco Gomes de Matos obteve o título de mestre em Letras pela Universidade de Michigan (1960) e o de doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela PUC-SP (1973). Foi docente nesta universidade e na UFPE, entre outras. Lecionou no Museu Antropológico do México, na Universidade de Ottawa e na Universidade de Georgia (Athens). De 1966 a 1979, foi Diretor do Centro de Linguística Aplicada e Diretor Pedagógico do Instituto de Idiomas Yázigi. Já em 1975 associava ensino de inglês com abordagem ecológica. É cofundador da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Integrou sua primeira diretoria, como secretário, além de ter sido seu presidente no biênio 1981-1983. Lutou muito pelos direitos linguísticos das pessoas, tendo publicado o artigo “Por uma Declaração de Direitos Linguísticos Individuais”, na *Revista Cultura Vozes*, 1978. Tem atuado em prol de uma “linguística da paz” e uma “paz comunicativa”. Autor de apelo pioneiro em favor de uma Declaração Universal de Direitos Linguísticos (1984). Conferencista de abertura do Congresso Mundial de Linguística Aplicada (AILA), Bruxelas, 1984. No que tange à ecolinguística especificamente, publicou “A case for an ecolinguistic identity” no *Boletim da FIPLV*, disponível em www.fiplv.org/news42htm (1998), com o que ele foi um dos primeiros a usar a palavra “ecolinguística” no Brasil. Esse texto saiu em tradução portuguesa em *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015. Em 1996, ele já publicara o livro *Pedagogia da positividade: comunicação construtiva em português* (Recife: EdEPE). Na seção “Linguística e Educação Ambiental”, do livro *Comunicar para o bem: Rumo à paz comunicativa* (São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002), associa língua e meio ambiente explicitamente e chega a conceituar ecolinguística. Cofundador de PILEI (Programa Interamericano de Lingüística y Enseñanza de Idiomas), ABRALIN, ALAB, World Dignity University Initiative e ABA Global Education (Recife). Atualmente, é Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco. A famosa conferência de Halliday, “New ways of meaning: The challenge to applied linguistics”, proferida no encontro da AILA em Tessalônica em 1990 (reproduzida como artigo e diversos capítulos de livros) começa mencionando o nome de Gomes de Matos.

ECO-REBEL

-ECO-REBEL: Professor Francisco, embora o senhor seja mais conhecido como estudioso de linguística aplicada e professor de língua inglesa, temos notado que há muitas incursões suas no que hoje se chama de ecolinguística. O senhor é um dos primeiros, se não o primeiro, a tocar nesse assunto no Brasil. Isso tem a ver com sua profissão de professor de língua inglesa e especialista em linguística aplicada?

-Francisco Gomes de Matos: Tem, sim. Foi graças a minha dupla missão profissional, de professor de inglês e linguista aplicado, que tive excelentes oportunidades de crescimento interdisciplinar. Assim, em 1955, quando estava concluindo meu Bacharelado em Letras Anglo-Germânicas na então Universidade do Recife (atualmente UFPE), recebi uma bolsa do Institute of International Education para fazer um estágio na University of Michigan (Ann Arbor). Ali, fui ouvinte no curso dado pelo eminente e inspirador estruturalista Charles C. Fries. A referida disciplina intitulava-se Introduction to Linguistic Science. Uma coisa me impressionou nas aulas desse pioneiro da Linguística Aplicada: ele tinha feito uma pesquisa sobre o inglês usado por militares americanos em sua correspondência com familiares. Dessa investigação resultou a *American English Grammar*, precursora do que muitas décadas mais tarde viria a ser Análise do Discurso. Esse foco nos dados linguísticos me fez ver como era importante considerar-se o contexto de uso linguístico. Poderia dizer que foi uma antevisão ecolinguística que tive: uma boa amostra de como descreverem-se usos de um idioma em um contexto bem específico e relacionarem-se os resultados à educação linguística (no caso, uma nova maneira de produzirem-se gramáticas, com atenção primacial às opções de uso feita pelos usuários, no caso, militares).

- EC: Temos informação de que o senhor já associava "língua" (ou ensino de língua) com "ecologia" muito tempo atrás. Quando começou isso?

- FGM: Devo ter associado língua com ecologia ao ler a seção "Man`s place in Nature", no livro *A Course in Modern Linguistics*, do linguista-antropólogo Charles F. Hockett, publicado pela Macmillan em 1958. Relacionar ensino de línguas à ecologia foi algo que ocorreu em minha experiência de mestrando na University of Michigan, 1959-1960. Ali, tive o imenso privilégio-benefício de aprender com Robert Lado, autor do pioneiríssimo *Linguistics across cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*, publicado pela University of Michigan Press, em 1957 (só traduzido no Brasil em 1974, sob o título, incompleto, de *Introdução à Linguística Aplicada*). O enfoque intercultural adotado por Lado em suas aulas e em sua gestão como Diretor do English Language Institute na referida universidade tinha, implícito, um componente ECOlinguístico, principalmente quando ele desafiava os leitores de seu livro a comparar aspectos de duas culturas. Em que pesem essas percepções iniciais da interação língua-ecologia, só comecei a imaginar possibilidades aplicativas educacionais a partir de 1973 quando li *The Ecology of Language* de Einar Haugen, publicado em 1972, pela Stanford University Press. Haugen afirmava haver um forte componente linguístico na linguística ecológica e sustentava que o verdadeiro meio ambiente de uma língua é a comunidade de seus usuários. Naquela época eu já estava residindo em São Paulo, onde fui assumir a direção do Centro de Linguística Aplicada Yázigi (a partir de março de 1966).

- EC: Nós nos lembramos de pesquisas suas da década de 70/80 do século passado falando em "português positivo". Vimos inclusive a associação de ecologia com ensino de línguas. O senhor poderia falar um pouco sobre isso?

- **FGM:** Um dos primeiros textos meus em que abordo a positividade linguística foi "Português Positivo", publicado pela *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (Lisboa), em meados dos anos oitenta, salvo engano. Meu interesse por uma cosmovisão positiva me fez publicar uma série de artigos na *Revista Ave Maria* (SP), de que resultaria o livro *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em Português*, publicado pela Editora da UFPE em 1996. Foi, entretanto, em 2002, em meu livro *Comunicar para o Bem: Rumo à Paz comunicativa* (São Paulo: Editora Ave Maria) que explicitarei minhas ideias de cunho ecolinguístico. Assim, na terceira parte do livro - Cidadania, Educação e Trabalho - há uma seção sobre "Linguagem e Educação Ambiental". Ali, digo aos leitores "Somos não apenas seres ecológicos, mas também ecolinguísticos. Por meio das línguas que usamos, representamos nossas percepções dos seres e das coisas existentes no ecossistema em que convivemos" (p. 66). Informo também que "um novo campo interdisciplinar, chamado Ecolinguística, já foi incluído nos Congressos da AILA, desde 1996. Na seção "Nosso Português e os Animais", indago "Até que ponto somos merecedores de uma avaliação favorável, como seres ecológicos se, para caracterizar o comportamento agressivo de alguém, a essa pessoa nos referimos como um ANIMAL?" (p. 67).

- **EC:** Acabamos de ver que o senhor foi diretor do Instituto de Idiomas Yazigi durante alguns anos. Foi possível conciliar essa posição com uma postura ecológica?

- **FGM:** Você pergunta sobre minha gestão no Yázigi. Ali, de 1966-1979, fui Diretor do Centro de Linguística Aplicada (por recomendação do PILEI, Programa Interamericano de Linguística y Enseñanza de Idiomas) e Diretor Pedagógico do Instituto de Idiomas Yázigi. O ambiente Yázigiano foi muito propício à adoção de uma postura ecolinguística. Assim, pude colaborar com Catherine Young Silva na iniciativa pioneira de publicação de Junior English Program, um conjunto pedagógico destinado principalmente à sensibilização ecolinguística de pré-adolescentes brasileiros que estudavam inglês na rede do referido Instituto. Em 1975, no Congresso Mundial da AILA, em Stuttgart, apresentei uma comunicação intitulada "A pedagogical-ecological approach to English for Brazilian preadolescents". O pioneirismo Yazigiano foi reconhecido, inclusive pela UNESCO.

- **EC:** Como o senhor definiria a ecolinguística?

- **FGM:** Definiria ecolinguística como o estudo da interação entre língua(gem) e seus usuários em meio ambientes diversos. Opto por uma percepção representacional da ecolinguística, focando questões do tipo: Como nos referimos aos seres, às coisas na natureza? (RE)tratamos os animais com dignidade comunicativa? Sabemos integrar expressões ecolinguísticas em nossa comunicação cotidiana ou mesmo na prosa acadêmica? Como? Sabemos honrar nossa identidade ecolinguística? Como?

- **EC:** O que o senhor acha de se aplicar a proposta de Fritjof Capra da "visão ecológica do mundo (VEM)" ao estudo dos fenômenos da linguagem?

- **FGM:** Por desconhecer a proposta de Capra, não respondo à pergunta.

- **EC:** O senhor excluiria os fenômenos "estruturais" do objeto de estudo da ecolinguística?

ECO-REBEL

- **FGM:** Não, porque toda língua é integração de significados+formas(estruturas)+usos em contexto(s), cognitivamente criados por usuários. Não isolaria a dimensão estrutural das outras duas. Opto por uma visão holística.

- **EC:** O senhor acha que a ecolinguística deve se restringir ao estudo de discursos que tenham a ver com questões ambientais, de minorias, de crescimento (*growthism*) e assemelhadas?

- **FGM:** Sou propenso a ver a ecolinguística mais abrangentemente, sem restringir-se discursivamente. Priorizaria uma compreensão da ecolinguística mais humanizadora, dignificante das interações entre seres humanos e meio ambiente, aproximando os fazeres ecolinguísticos aos da linguística da paz, da linguística do não matar (*Nonkilling Linguistics*).

- **EC:** Se sim, o senhor não acha que isso poderia ser perfeitamente estudado pela sociologia, pela filosofia, pela teoria literária etc., caso em que a ecolinguística seria desnecessária?

- **FGM:** Não, porque a descrição ecolinguística engloba questões-chave inspiradoramente enunciadas ou implícitas no pensamento haugeniano: Quem são os usuários? Em que ambientes atuam/interagem? Como? Quais suas atitudes perante outros usuários /outros seres no meio ambiente? Como os usuários se adaptam ao meio ambiente, comunicativamente? Como os usuários exercem seus direitos /suas responsabilidades ecolinguísticas?

- **EC:** Por exemplo, quem usar uma das diversas versões da análise do discurso para analisar textos ambientalistas estará fazendo ecolinguística?

- **FGM:** O prefixo ECO é muito produtivo, gerador de conceitos derivados. Assim, precisaria aprofundar meus conhecimentos para responder à desafiadora questão.

- **EC:** Por começar pelo prefixo "eco-", a ecolinguística pode usar categorias da ecologia biológica em suas análises? Se sim, todas elas ou apenas algumas? Quais, por exemplo?

- **FGM:** A ecolinguística precisa ter independência/autonomia conceitual-terminológica, podendo tomar emprestados conceitos-chave e também fornecê-los a áreas afins ou mesmo aparentemente distantes.

- **EC:** O senhor vê diferença entre "ecologia linguística", em que o substantivo é "ecologia", e "linguística ecológica", em que o substantivo é "linguística"?

- **FGM:** Em ecologia linguística, faz-se ecologia com um componente linguístico. Em linguística ecológica, faz-se linguística com um componente ecológico.

- **EC:** Que futuro o senhor vê para a ecolinguística no mundo?

ECO-REBEL

FGM: Um futuro desafiadoramente sustentável: o de ajudar a preparar cidadã(o)s ECOLinguisticamente corresponsáveis. Usuários que sejam ECODignificadores das interações entre seres e meio ambiente.

- **EC:** E para países como Brasil, Indonésia e China, em que ela está despontando com bastante força?

- **FGM:** MUITÍSSIMO relevante pode ser a ecolinguística em países em desenvolvimento. Principalmente se essa intercência/arte ajudar a educar crianças/jovens para um mundo ECOLinguisticamente justo, fraterno, pacífico

- **EC:** Por que a ecolinguística nasceu e tem florescido na Europa, não nos Estados Unidos?

- **FGM:** Uma questão de saber fazer-se o *marketing* da ecolinguística no contexto americano. Dentre as medidas: incrementar-se a oferta de cursos (graduação/pós-graduação) em que a ecolinguística seja uma das áreas constituintes. Em eventos ecolinguísticos, bem poder-se-ia discutir essa questão e buscar-se soluções adequadas

- **EC:** O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa, algo que não foi contemplado nas perguntas supra?

- **FGM:** Agradecer oceanicamente por essa oportunidade. Que a ecolinguística continue a florescer entre nós e em outros *LANGscapes**, para tomar emprestado essa cunhagem. Quem sabe, muito breve, teremos também uma ecolinguística antecipadora/ imaginativa?

- **EC:** Muito obrigado, professor Francisco!

*Nota dos organizadores: *Langscape* é o nome da Newsletter da ONG Terralingua, dirigida por Luisa Maffi: <http://www.terralinguaubuntu.org/Landscape/home.htm> (acesso: 30/08/2017).

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.